



Portugueses em *O cortiço* e *Emigrantes*: migração como degeneração ou miragem

Portuguese Characters in O cortiço and Emigrantes: Migration as Degeneration or Mirage

Mario Luis Grangeia¹

Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

mario.grangeia@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-9541-0517>

Daniel Moutinho Souza²

Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

daniel.moutinho@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0002-2460-0049>

Resumo: Este artigo apresenta uma análise comparada dos romances *O cortiço* (1890), do brasileiro Aluísio Azevedo, e *Emigrantes* (1928), do português Ferreira de Castro. O objetivo é identificar como portugueses que emigraram para o Brasil foram representados em personagens dessas obras. Constatou-se que a migração em *O cortiço* aparece como degeneração provocada pelo meio social e natural hostil do Brasil, conforme preceitos da estética naturalista. Sob efeito do sol, da pobreza e da paisagem humana brasileira, os portugueses ou enriquecem pelo roubo e pela exploração da mão de obra, inclusive escrava, ou se submetem a uma vida de vícios. Por outro lado, esse fluxo migratório aparece como miragem em *Emigrantes*, pois a possibilidade de enriquecimento na América se desvanece no confronto com a experiência concreta dos personagens. No estudo, são mobilizadas contribuições dos críticos Antonio Cândido, Eduardo Lourenço e Miguel Torga, além de estatísticas que contextualizam a imigração portuguesa no Brasil.

Palavras-chave: migração portuguesa no Brasil; Aluísio Azevedo; romance naturalista; Ferreira de Castro; Realismo; literatura comparada.

¹ Doutor em Sociologia (UFRJ), foi pesquisador visitante da Fundação Biblioteca Nacional (PNAP, 2017-18) e é especialista em Sociologia Política e Cultura (PUC-Rio).

² Doutor em Ciência da Literatura (UFRJ), professor do Depto. de Língua Portuguesa e Literaturas do Colégio Pedro II e especialista em Estudos Literários (UERJ).

Abstract: This article presents a comparative analysis of the novels *O cortiço* (1890), by the Brazilian writer Aluísio Azevedo, and *Emigrantes* (1928), by the Portuguese author Ferreira de Castro. The goal is to identify how Portuguese people who emigrated to Brazil were represented in characters of these works. It was found that, in *O cortiço*, migration appears as degeneration caused by the hostile social and natural environment of Brazil, according to the premises of the naturalist aesthetics. Under the influence of the sun, poverty and the Brazilian human landscape, the Portuguese people either get rich by stealing and exploiting labor, including slavery, or undergo a life of addiction. On the other hand, in *Emigrantes*, this migratory flow appears as a mirage, because the possibility of enrichment in America fades away in the confrontation with the concrete experience of the characters. In the study, contributions from critics Antonio Cândido, Eduardo Lourenço and Miguel Torga are mobilized, as well as statistics that contextualize Portuguese immigration in Brazil.

Keywords: Portuguese migration in Brazil; Aluísio Azevedo; naturalistic novel; Ferreira de Castro; Realism; comparative literature.

Entre os grupos imigrantes no Brasil, os portugueses foram os mais populosos até o século XX, mas foram menos estudados do que outras populações – vide o maior foco de livros e artigos dedicados aos imigrantes italianos e japoneses.³ Não se questiona, contudo, que esse processo, com suas oscilações por fatores econômicos e políticos, tenha sido importante para os dois países desde o século XIX.

Tal fluxo migratório teve fases de expansão (1888-1930), recuo (1930-1950) e retomada relativa (1950-1970), como registrou a historiografia (LOBO, 2001). Ele declinou a partir dos anos 1970, mesmo assim, mais de um terço dos cerca de 510 mil estrangeiros vivendo no Brasil do fim do século XX tinham origem em Portugal: eram 34,5% (175,8 mil), à frente do Japão (10,3%), Itália (8,6%) e Espanha (7%), segundo o censo do IBGE (INSTITUTO..., 2001).

Essa imigração tem sido estudada sobretudo pelos efeitos políticos e econômicos nos dois países, com os impactos na cultura obtendo menos atenção dos estudos migratórios. Em décadas recentes, porém, a lacuna relativa sobre a dimensão cultural dessa migração tem sido reduzida por estudos literários e outros, como o projeto “Portugueses de Papel”, sobre personagens portuguesas da ficção brasileira (CLEPUL, 2016). Ajudar a preencher essa lacuna também é o propósito deste texto sobre imagens dos migrantes em dois romances lusófonos: *O cortiço* (1890), do brasileiro

³ Buscas no SciELO e anais dos Simpósios Nacionais de História podem atestá-lo.

Aluísio Azevedo (1857-1913), e *Emigrantes* (1928), do português Ferreira de Castro (1898-1974).

Ambos os livros são referências importantes em suas pátrias, mas pouco conhecidos na outra: *Emigrantes* só foi lançado no Brasil no segundo dos três volumes da *Obra completa* do autor que a José Aguilar publicou em 1958; *O cortiço* não tem edição portuguesa no acervo da Biblioteca Nacional de Portugal (2019), embora haja ao menos uma edição recente, pela Glaciari, de 2015. A dupla condição de obras clássicas e marginais é uma razão adicional a esta análise, além da busca por contribuir ao estudo do imaginário do fluxo migratório de maior dimensão na história das duas sociedades. Os dois romances possuem rica fortuna crítica e serão interpeladas ideias originais de três intelectuais: Antonio Cândido, Eduardo Lourenço e Miguel Torga.

As seções 1 e 2 examinam a maior ou menor integração de portugueses na sociedade brasileira conforme representaram Azevedo e Castro em *O cortiço* e *Emigrantes*, nos quais a migração surge como degeneração e como miragem, respectivamente. Aproximações e distanciamentos nas imagens dos migrantes são sintetizadas na conclusão, que ainda resume o argumento e propõe novas frentes de investigação sobre as representações da e/imigração em obras literárias.

1 *O cortiço*: migração como degeneração

O cortiço não tem a migração com tema central. Tornou-se corrente entre os estudos literários considerar como protagonista do romance o próprio cortiço, ou seja, o ente coletivo, e não um ou alguns dos indivíduos que nele transitam. Por outro lado, não é por acaso que três dos personagens essenciais à condução do enredo são portugueses radicados no Brasil, os quais representam distintas experiências e posições sociais no universo criado por Aluísio Azevedo. A presença dessa imigração na trama acompanhava uma alta na entrada de europeus no país, a fim de substituir a mão de obra africana já antes da abolição da escravatura, em 1888. Entre 1884 e 1890, ano de lançamento do livro, os portugueses responderam por 91,5 mil (20,3%) de uma leva de quase 450 mil imigrantes oficiais (VILLAS BÔAS; PADILLA, 2007).

Antonio Cândido, em célebre ensaio sobre a obra, analisa-a via duas chaves: pela inspiração evidente na obra do autor francês Émile Zola

– sobretudo o romance *L'Assommoir* (1876-1877), lançado em português como *A taberna* – e como obra original, uma vez que cria adaptações à realidade brasileira: “A originalidade do romance de Aluísio está nessa coexistência íntima do explorado e do explorador, tornada logicamente possível pela própria natureza elementar da acumulação num país que economicamente ainda era semicolonial” (CÂNDIDO, 1993, p. 126).

Símbolo da estética naturalista na literatura brasileira, *O cortiço* não escapa da influência da filosofia positivista e determinista (e, lamentavelmente, do racismo latente na sociedade oitocentista). Nesse sentido, a presença e a centralidade de três personagens imigrantes portugueses – João Romão, Miranda e Jerônimo – em lados opostos dessa dialética de exploração são elementos que representam a relação firmada com o meio físico e social ao redor. Cândido (1993, p. 132) apresenta um esquema segundo o qual haveria “o português que chega e vence o meio” e “o português que chega e é vencido pelo meio”. Romão e Miranda pertencem ao primeiro grupo; Jerônimo e – de modo indireto – sua esposa Piedade, ao segundo. O parágrafo inicial do romance nos apresenta João Romão:

João Romão foi, dos treze aos vinte e cinco anos, empregado de um vendeiro que enriqueceu entre as quatro paredes de uma suja e obscura taverna nos refolhos do bairro do Botafogo; e tanto economizou do pouco que ganhara nessa dúzia de anos, que, ao retirar-se o patrão para a terra, lhe deixou, em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro. (AZEVEDO, 2019, p. 11).

No Brasil desde muito jovem, João Romão tem atribuída a ele uma dedicação ao trabalho e alguma sorte, por herdar o estabelecimento de outro português, retornado à pátria. Sua ascensão econômica e social será explicada por uma combinação de inveja, sovínice e desonestidades.

A inveja é voltada para Miranda, negociante de fazendas e proprietário do sobrado ao lado da venda de Romão. Ou seja, o vizinho rico, cuja vida e família tampouco são modelos de perfeição. Traído pela esposa, Miranda se vê incapaz de amar a filha Zulmirinha por não ter certeza sobre a paternidade. Sente-se humilhado a manter relações sexuais com a esposa movido pelo impulso físico, pois não a suporta. “Enriquecera um pouco, é verdade, mas como? a que preço? Hipotecando-se a um diabo, que lhe trouxera oitenta contos de réis, mas incalculáveis milhões de desgostos e

vergonhas! Arranjara a vida, sim, mas teve de aturar eternamente uma mulher que ele odiava!” (AZEVEDO, 2019, p. 27-28). Manter sua posição social é o que lhe resta, almejando e depois comprando para si o título de Barão.

João Romão, por sua vez, acumula sua riqueza “sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas” (AZEVEDO, 2019, p. 15), entre outras trapaças. Constrói o edifício que se transformará no cortiço (Estalagem São Romão) e explora a pedreira junto ao terreno. Aluga quartos e tinhas de lavar roupa e abastece os inquilinos com produtos de sua venda. Em outras palavras, detém toda uma população sob sua esfera de influência. Nas palavras de Antonio Cândido,

É visível que a carreira de João Romão tem para o romancista um caráter de paradigma, inclusive devido à reação suscitada no brasileiro mais ou menos ressentido pela constituição das fortunas portuguesas daquele tempo. [...]

Ora, essa acumulação assume para o romancista a forma odiosa da exploração do nacional pelo estrangeiro. Tanto assim que n’*O cortiço* há pouco sentimento de injustiça social e nenhum da exploração de classe, mas nacionalismo e xenofobia, ataque ao abuso do imigrante “que vem tirar o nosso sangue”. (CÂNDIDO, 1993, p. 130-131).

Essa observação é indissociável do fato de o universo social retratado no romance ser de classe pobre. João Romão e Miranda são vistos como usurpadores de riquezas e da força de trabalho. Síntese desse movimento é a personagem Bertoleza, negra escravizada, cujo proprietário vive em Minas Gerais. Romão forja-lhe uma carta de alforria e toma-a como amante. Responsável por todas as tarefas domésticas, a ela se referem as passagens mais explicitamente racistas da obra.

A xenofobia mencionada por Cândido é personificada, em relação aos portugueses, por Botelho, hóspede de Miranda ressentido com o êxito dos lusos de seu convívio.

E o seu rancor irradiava-lhe dos olhos em setas envenenadas, procurando cravar-se em todas as brancuras e em todas as claridades. [...] E, para individualizar o objeto do seu ódio, voltava-se contra o Brasil, essa terra que, na sua opinião, só tinha uma serventia:

enriquecer os portugueses, e que, no entanto, o deixara, a ele, na penúria. (AZEVEDO, 2019, p. 32-33).

Como veremos a seguir, o personagem está reproduzindo um discurso que será decisivo – e desconstruído – em *Emigrantes*, de Ferreira de Castro: o Brasil como terra propícia para enriquecimento dos estrangeiros.

No terço final do romance, após sua fúria inicial com o status de barão do vizinho e conterrâneo Miranda, João Romão muda de hábitos:

Mandou fazer boas roupas e aos domingos refestelava-se de casaco branco e de meias, assentado defronte da venda, a ler jornais. Depois deu para sair a passeio, vestido de casimira, calçado e de gravata. Deixou de tosquiar o cabelo à escovinha; pôs a barba abaixo, conservando apenas o bigode, que ele agora tratava com brilhantina todas as vezes que ia ao barbeiro. Já não era o mesmo lambuzão! [...] principiou a comer com guardanapo e a ter toalha e copos sobre a mesa; entrou a tomar vinho, não do ordinário que vendia aos trabalhadores, mas de um especial que guardava para seu gasto. [...] passou a receber mais dois outros [jornais] e a tomar fascículos de romances franceses traduzidos, que o ambicioso lia de cabo a rabo, com uma paciência de santo, na doce convicção de que se instruíra. (AZEVEDO, 2019, p. 168-169).

Começa a delegar mais tarefas a seus funcionários para se afastar do balcão e pretende legitimar sua ascensão social casando-se com Zulmira, filha do barão. Então, Bertoleza torna-se um empecilho. Ele então escreve ao antigo proprietário e pretende devolvê-la. No último capítulo, o narrador mostra que, “à porta de uma confeitaria da Rua do Ouvidor, João Romão, apurado num fato novo de casimira clara, esperava pela família do Miranda, que nesse dia andava em compras” (AZEVEDO, 2019, p. 284). Cenário e figurino bastante distantes dos que predominaram ao longo de toda a narração.

O passeio é interrompido pela notícia da chegada dos “donos” de Bertoleza. Romão finge surpresa à presença deles, e sua ex-amante se suicida ao compreender o que se passava. A cena final deixa clara a crítica à hipocrisia de João Romão, pois, ato contínuo, ele recebe uma comissão que pretende lhe tornar sócio benemérito da causa abolicionista.

Eis, portanto, os portugueses que “vencem” o meio, à custa de exploração, hipocrisia e roubos. Do outro lado dessa equação social, há

aqueles que, como Bertoleza, sustentam e possibilitam a exploração. Lá também está Jerônimo, personagem-símbolo da degradação que o “meio” brasileiro provoca no imigrante português. Ele é descrito inicialmente como forte, responsável, cumpridor de seus deveres, um “homem de família” exemplar. É contratado por João Romão para trabalhar na pedreira após convencê-lo de seu conhecimento técnico. Logo após sua chegada ao cortiço com a esposa, D. Piedade, há uma festa movida a música e bebidas, da qual ele não participa. É ouvido, apenas, a dedilhar uma melancólica cantiga de sua terra: “Minha vida tem desgostos, / Que só eu sei compreender... / Quando me lembro da terra / Parece que vou morrer... [...] Terra minha, que te adoro, / Quando é que eu te torno a ver? / Leva-me deste desterro; / Basta já de padecer” (AZEVEDO, 2019, p. 84).

Pouco a pouco, porém, seu comportamento muda radicalmente, sob a influência do meio, tanto natural quanto social:

A vida americana e a natureza do Brasil patenteavam-lhe agora aspectos imprevistos e sedutores que o comoviam; esquecia-se dos seus primitivos sonhos de ambição; para idealizar felicidades novas, picantes e violentas; tornava-se liberal, imprevidente e franco, mais amigo de gastar que de guardar; adquiria desejos, tomava gosto aos prazeres, e volvia-se preguiçoso resignando-se, vencido, às imposições do sol e do calor [...]

E assim, pouco a pouco, se foram reformando todos os seus hábitos singelos de aldeão português: e Jerônimo abraçava-se. A sua casa perdeu aquele ar sombrio e concentrado que a entristecia; já apareciam por lá alguns companheiros de estalagem, para dar dois dedos de palestra nas horas de descanso, e aos domingos reunia-se gente para o jantar. A revolução afinal foi completa: a aguardente de cana substituiu o vinho; a farinha de mandioca sucedeu à broa; a carne-seca e o feijão-preto ao bacalhau com batatas e cebolas cozidas; a pimenta-malagueta e a pimenta-de-cheiro invadiram vitoriosamente a sua mesa; o caldo verde, a açorda e o caldo de unto foram repelidos pelos ruivos e gostosos quitutes baianos, pela muqueca, pelo vatapá e pelo caruru; a couve à mineira destronou a couve à portuguesa; o pirão de fubá ao pão de rala, e, desde que o café encheu a casa com o seu aroma quente, Jerônimo principiou a achar graça no cheiro do fumo e não tardou a fumar também com os amigos. (AZEVEDO, 2019, p. 103-104).

Tal metamorfose é representada pela personagem Rita Baiana, mulata sensual por quem Jerônimo se apaixona. Por causa dela, o português se envolve em uma briga com Firmo e sai ferido à navalha; após passar meses hospitalizado, vinga-se do rival e abandona Piedade para viver com Rita em outro bairro. Passa a entregar-se cada vez mais à bebida e a não cumprir o compromisso de pagar a escola da filha.

A trajetória de Jerônimo é de franca decadência, para ilustrar a ideia de que a natureza e a sociedade brasileiras degradam a condição humana. Aquele que não se adapta ou não se aproveita dela estaria fadado à miséria material e moral. Mas ainda não é tão melancólica quanto o destino de sua esposa, D. Piedade.

Enquanto Jerônimo é descrito em função de sua “transformação”, D. Piedade tem outro tratamento por parte do narrador:

Essa, feita de um só bloco, compacta, inteiriça e tapada, recebia a influência do meio só por fora, na maneira de viver, conservando-se inalterável quanto ao moral, sem conseguir, à semelhança do esposo, afinar a sua alma pela alma da nova pátria que adotaram. Cedía passivamente nos hábitos de existência, mas no íntimo continuava a ser a mesma colona saudosa e desconsolada, tão fiel às suas tradições como a seu marido. Agora estava até mais triste; triste porque Jerônimo fazia-se outro; triste porque não se passava um dia que lhe não notasse uma nova transformação; triste, porque chegava a estranhá-lo, a desconhecê-lo, afigurando-se-lhe até que cometia um adultério, quando à noite acordava assustada ao lado daquele homem que não parecia o dela, aquele homem que se lavava todos os dias, aquele homem que aos domingos punha perfumes na barba e nos cabelos e tinha a boca cheirando a fumo. Que pesado desgosto não lhe apertou o coração a primeira vez em que o cavouqueiro, repelindo o caldo que ela lhe apresentava ao jantar, disse-lhe:

– Ó filha! por que não experimentas tu fazer uns pitéus à moda de cá?... (AZEVEDO, 2019, p. 104-105).

Piedade não se transforma nem se adapta. Não se aproveita do meio. A razão de seu sofrimento é, precisamente, não reconhecer no Jerônimo abasileirado o “seu” Jerônimo. Portanto, não soa adequado aplicar a ela a formulação de Cândido sobre os “vencidos pelo meio”; ela foi derrotada pelas mudanças ocorridas com o marido:

Parecia rebelar-se contra aquela natureza alcoviteira, que lhe roubara o seu homem para dá-lo a outra, porque a outra era gente do seu peito e ela não. E maldizia soluçando a hora em que saíra da sua terra; essa boa terra cansada, velha como que enferma; essa boa terra tranquila, sem sobressaltos nem desvarios de juventude. Sim, lá os campos eram frios e melancólicos, de um verde alourado e quieto, e não ardentes e esmeraldinos e afogados em tanto sol e em tanto perfume como o deste inferno, onde em cada folha que se pisa há debaixo um réptil venenoso, como em cada flor que desabotoa e em cada moscardo que adeja há um vírus de lascívia. [...] lá o seu homem não seria anavalhado pelo ciúme de um capoeira; lá Jerônimo seria ainda o mesmo esposo casto, silencioso e meigo; seria o mesmo lavrador triste e contemplativo, como o gado que à tarde levanta para o céu de opala o seu olhar humilde, compungido e bíblico.

Maldita a hora em que ela veio! Maldita! Mil vezes maldita! (AZEVEDO, 2019, p. 202-203).

Piedade também se torna alcoólatra e chega a ser abusada sexualmente por um vizinho. Depois, a filha do casal confirmará a importância do meio: impedida de continuar na escola por falta de pagamento e maltratada pelo pai, alcoolizado, vai morar com Piedade no cortiço, e no final dará continuidade à linhagem de prostitutas da estalagem.

Uma passagem emblemática da representação da integração de imigrantes portugueses em meio a brasileiros pode ser lida quando de dois embates envolvendo moradores do cortiço. Num momento, uma crise de ciúmes que põe Rita Baiana e Piedade em lados opostos acionou um choque entre brasileiros e portugueses que se alinharam às suas representantes no embate:

Dois partidos todavia se formavam em torno das lutadoras; quase todos os brasileiros eram pela Rita e quase todos os portugueses pela outra. Discutia-se com febre a superioridade de cada qual delas; reventavam gritos de entusiasmo a cada moça que qualquer das duas recebia; e estas, sem se desunharem, tinham já arranhões e mordeduras por todo o busto. (AZEVEDO, 2019, p. 207-208).

Tal embate, contudo, é interrompido pela incursão de moradores do cortiço vizinho, o Cabeça de Gato, no território dos “carapicus” (como se chamavam moradores da Estalagem São Romão) para vingar a morte de Firmo, líder dos seus, pelo “carapicu” Jerônimo.

Mal os Carapicus sentiram a aproximação dos rivais, um grito de alarma ecoou por toda a estalagem e o rolo dissolveu-se de improviso, sem que a desordem cessasse. Cada qual correu à casa, rapidamente, em busca do ferro, do pau e de tudo que servisse para resistir e para matar. Um só impulso os impelia a todos; já não havia ali brasileiros e portugueses, havia um só partido que ia ser atacado pelo partido contrário; os que se batiam ainda há pouco emprestavam armas uns aos outros, limpando com as costas das mãos o sangue das feridas. (AZEVEDO, 2019, p. 209).

O contraste entre a repulsa e a solidariedade entre imigrantes e brasileiros sobressai da leitura, revelando que o olhar antilusitano em dado momento logo se pode reverter diante de episódios em que outra clivagem social desponta com mais força – rivalidade entre os cortiços, neste caso. O fim do choque iniciado com a luta entre Rita Baiana e Piedade atesta que uma rivalidade entre as duas nacionalidades vai ao segundo plano face a atritos locais, retomados a reboque do assassinato de Firmo por Jerônimo, conflito que teve Rita Baiana como pivô.

2 *Emigrantes*: migração como miragem

José Maria Ferreira de Castro escreveu *Emigrantes* com a memória de quem viveu no Brasil entre 1911 e 1919. Natural de Ossela (Porto) e órfão de pai aos oito anos, saiu aos 12 anos de Oliveira de Azeméis, aldeia do distrito de Aveiro, rumo a Belém para sustentar a mãe e quatro irmãos e parecer mais maduro a uma jovem cinco anos mais velha que não lhe correspondia (CASTRO, 2017b; BRASIL, 1961). Muitos jovens locais emigravam para o Brasil e voltavam com certa riqueza, estimulando outros pelo exemplo.

O desconhecido de além-mar gerava receio e excitação e ele nem sabia “onde pôr os braços e onde pousar os olhos diante das pessoas grandes – e muito menos qual seria o meu destino” (CASTRO, 2017b, p. 246). Ao desembarcar, frustrou-se por não achar emprego no comércio de Belém e passar fome. Trabalhou no seringal Paraíso, junto ao Rio Madeira (por ser ainda adolescente, atuou em armazém). A memória do período como imigrante foi matéria-prima dos romances sociais *Emigrantes* (1928) e *A selva* (1930, ambientado na Amazônia). Voltou à pátria com o bolso vazio, ambições literárias e seu humanismo, que julgou sua principal riqueza:

“devo ao Brasil a maior fortuna que possuo: foi lá que aprendi a amar a grande causa humana” (CASTRO, 2017b, p. 251).

Encontrou no Brasil terreno fértil para sua obra, trocando o Romantismo pelo Realismo após contrastar textos “dispersos e artificiais” de ficcionista aos artigos “sedentos de justiça” em órgãos operários (CASTRO, 2017b). Olhou a migração como amadurecimento:

do ponto de vista material, esse que tantos homens expatriava para as Américas, eu fui um emigrante vencido. A própria psicologia do emigrante, que é a sua principal força, me abandonou pouco depois de ter chegado ao Brasil, deixando-me, em seu lugar, um novo sonho. (CASTRO, 2017b, p. 251).

Apesar da experiência prévia de Ferreira de Castro no país, as vidas do autor e do protagonista de *Emigrantes*, Manuel da Bouça, têm mais diferenças do que semelhanças. Isso talvez se explique porque o objetivo do escritor na obra foi refletir sobre o fenômeno da presença portuguesa na América, sobretudo no Brasil, em escala muito maior do que a sua própria trajetória. No “Pórtico”, espécie de prefácio ao romance, ele apresenta suas intenções:

Biógrafos que somos das personagens que não têm lugar no Mundo, imprimimos neste livro desprezível história de homens que, sujeitos a todas as vicissitudes provenientes da sua própria condição, transitam de uma banda a outra dos oceanos, na mira de poderem também, um dia saborear aqueles frutos de ouro que outros homens, muitas vezes sem esforço de maior, colhem às mãos cheias. O problema de emigração não é, porém, um problema-causa, mas consequência de outro mais vasto e mais profundo. Assim, sob a forma do primeiro, o nosso romance pretende dar a essência do segundo. (CASTRO, 2017a, p. 16).

Resulta desse projeto a flexão plural do título e a caracterização do herói como homem simples, que resume em si uma experiência coletiva. No início, Manuel da Bouça é um camponês da região de Oliveira de Azeméis, analfabeto, 41 anos de idade. Casado com Amélia e pai de Deolinda, moça quase em idade de se casar, ele aceita o discurso segundo o qual a América é uma terra próspera, onde quem está disposto a trabalhar seriamente pode enriquecer. Escolhe o Brasil como destino porque ir para os Estados

Unidos é mais caro. Sua ideia é sair de Portugal por quatro ou cinco anos, acumular algum dinheiro que possa oferecer um dote pela filha, “para que ela pudesse casar com alguém que fosse mais... que fosse mais do que nós!” (CASTRO, 2017a, p. 144). Em outras palavras, conquistar para ela um futuro materialmente mais confortável.

Distante da estética naturalista de *O cortiço*, não há determinismo físico ou biológico – ainda que resistam no texto alguns estereótipos raciais, sobretudo no tocante ao trabalho, em expressões como *trabalhar como um negro* ou *como um moiro* [mouro], bem como o verbo “mourejar”, também frequente no romance de Aluísio Azevedo.

Com a proposta mais realista do romance, Manuel da Bouça – e diversos outros personagens que cruzam seu caminho – acredita na possibilidade de uma vida melhor no Brasil, mas essa imagem de riqueza vai se desvanecendo à medida que sua estada avança. A emigração é descrita como uma miragem:

Em todas as aldeias próximas, em todas as freguesias das redondezas, havia o mesmo anseio de emigrar, de ir em busca de riqueza a continentes longínquos. Era um sonho denso, uma ambição profunda que cavava nas almas, desde a infância à velhice. O oiro do Brasil fazia parte da tradição e tinha o prestígio duma lenda entre os espíritos rudes e simples. (CASTRO, 2017a, p. 31).

E mais adiante: “nos pobres, que derramavam todo o dia, em campo alheio, bagas de suor, a miragem fascinava-os e até os afligia, como se tivesse braços e estes se lhes enroscassem na garganta” (CASTRO, 2017a, p. 58). A metáfora é precisa, porque a construção do enredo se dá em torno das frustrações de Manuel e de seus companheiros.

Antes mesmo de sua chegada ao Brasil, o narrador onisciente prepara o leitor para as dificuldades futuras: Nunes, agente que providencia passaportes e passagens na cidade vizinha, é descrito como um golpista astucioso, que vende uma imagem idílica e imaginária do exílio; em Lisboa, Manuel precisa passar uma madrugada, passando fome, em uma enorme fila no Consulado brasileiro; no *Darro*, navio que faz a travessia transatlântica, o protagonista embarca numa terceira classe lotada:

a maior parte portugueses, mas também espanhóis, italianos, russos e polacos.

Quase todos caminhavam cegamente, fascinados pela resplendência transoceânica do íman; era o mistério, o prestígio do longínquo, a fuga às garras de uma laboriosa miséria.

A América, agitando o úbere farto, escorrendo oiro, tornara-se a pátria ideal de todos os que não tinham pão e também dos que queriam mais pão do que tinham. (CASTRO, 2017a, p. 79).

O exílio surge como um “ímã” a atrair despossuídos. A menção a essa massa de miseráveis de nações diversas revela o caráter coletivo, de drama humanitário, da jornada de Manuel da Bouça. Ainda no *Darro*, é oferecido emprego certo na lavoura, mas Manuel de início o recusa. Ele se dirige ao porto de Santos, pois tem nessa cidade um compatriota conhecido; julga que Cipriano é dono de um comércio, mas descobre apenas um funcionário mal pago vivendo em um pequeno quarto alugado. Muda de ideia e aceita voltar “à enxada”. Trabalha um ano em uma fazenda de café no interior paulista e depois muda-se para a capital do estado.

No início da Segunda Parte, encontramos Manuel há nove anos no Brasil. Morre a esposa Amélia, e a filha Deolinda foge com um pretendente não aprovado pelo pai, o qual não conseguiu economizar dinheiro sequer para voltar a Portugal. O mesmo ocorre com a maior parte de seus companheiros, no campo ou na cidade. “Pressentia a sua humilhação ao apresentar-se na aldeia tão pobre como partira, mais pobre ainda, pois já não tinha sequer as courelas [terras de cultivo próprio]; e o amor-próprio gritava-lhe que ao vexame era preferível o esquecimento na terra distante” (CASTRO, 2017a, p. 180).

Nesse ponto, o destino dos imigrantes parece seguir o esquema de Antonio Cândido para descrever *O cortiço*. Há os que se adaptam e “vencem” o meio: a minoria, quem tem “sorte”, ou, como João Romão, usam meios desonestos: “Fulano, que estava ali há um ror de anos; Sicrano, que envelhecera no exílio – e todos pobres como ele, menos o Belarmino, que ele conhecera depois de vir do cafezal e que deitara poupa, *por artes que os outros ignoravam*” (CASTRO, 2017a, p. 174, grifo nosso). E há os “vencidos”, a enorme parcela de trabalhadores pobres explorados. No entanto, aqui o “meio” aparece de modo distinto do determinismo implacável da obra de Aluísio Azevedo:

A sua derrota e a sua nostalgia eram, agora, perene motivo de irritação. Contra tudo: contra o meio, contra ele próprio. Mal-humorava-o aquilo que não pudera conquistar, via impossíveis em toda a parte e, às vezes, até se admirava de ter acreditado na riqueza, na posse das terras do Esteves, na compensação ao seu trabalho. (CASTRO, 2017a, p. 174).

Quando eclodiu uma revolução anticorrupção,⁴ Manuel de início se recusa a se envolver, por ser português e avesso a confusão. Sua presença na cena do conflito, porém, foi uma virada na trama, pois, após ele hesitar, furtou os anéis de ouro e o relógio de um manifestante morto no chão. Decidiu recolher os objetos para poder pagar imediatamente a volta ao país natal, e não em dois anos, como planejava. Prestes a voltar, apiedou-se de imigrantes então desembarcados: “Aqueles diabos imaginavam que para se enriquecer bastava ir por aí fora, com ganas de trabalhar. Ele também pensara assim, mas depois é que vira” (CASTRO, 2017a, p. 206).

O confronto entre a expectativa e a realidade, a riqueza e a pobreza ocorre de modo exemplar na cena em que Manuel volta ao porto de Santos, no regresso à terra natal. Primeiro, são descritas as pessoas que estão desembarcando no Brasil:

saía, vagarosa e tímida, grossa coluna de emigrantes italianos, espanhóis, portugueses – os de sempre. E sempre o mesmo espetáculo. As mesmas mulheres de trajes campestres, as mesmas crianças ainda incomodadas pela travessia do oceano e os mesmos homens de face atirada à vida dura – todos exalando miséria e promiscuidade. Atravessavam a prancha com passos hesitantes, conduzindo sacos e embrulhos.

Haviam chegado outros, assim, na véspera; há já muitas dezenas de anos que a cena se repetia – um cortejo interminável de famintos, que a Europa fabricava mas não alimentava, a não ser quando carecia do corpo deles para alvo dos canhões. E era sempre sombrio o bando que descia; por mais garridas e policromas que fossem as vestes das mulheres, o conjunto dava uma triste sugestão de negrume e de fome. (CASTRO, 2017a, p. 204-205).

⁴ O autor alude à “Revolução de 1924”, levante curto liderado pelo general Isidoro Dias Lopes em São Paulo.

Na sequência, o narrador descreve os companheiros de viagem de Manuel da Bouça:

Eram muitos os que regressavam. Estendiam-se pela amura, sentavam-se, em atitude meditativa, junto da bocarra dos respiradouros, traçavam as pernas sobre os rotos do cordame. [...] Como os que há pouco tinham desembarcado em Santos, tinham chegado, anos antes, à Argentina e ao Uruguai, pletóricos de ambição, de ilusões e de saúde. Sonharam com uma fortuna conquistada apenas com o braço e o suor do rosto [...]. Trabalharam tanto que se esqueceram de si próprios; e no dia em que se lembraram de que existiam, viram-se miseráveis como quando haviam chegado; mais miseráveis ainda porque já não tinham a ilusão. [...] Na primeira classe também vinham alguns, que triunfaram, mas estes não formavam uma dezena. (CASTRO, 2017a, p. 207).

A cena traz a reflexão de que, em *O cortiço*, não há entre os personagens portugueses o desejo de voltar à Europa. Mesmo o arrependimento de Piedade não é apresentado como possibilidade de retorno. Há apenas duas menções a este tema: sobre o patrão de João Romão no primeiro parágrafo do romance, conforme citado no início da seção 1, e quando o próprio Romão manifesta o desejo de esbanjar sua ascensão social e econômica aos conterrâneos:

Ah, ele, posto nunca o dissera a ninguém, sustentava de si para si nos últimos anos o firme propósito de fazer-se um titular mais graduado que o Miranda. E, só depois de ter o título nas unhas, é que iria à Europa, de passeio, sustentando grandeza, metendo invejas, cercado de adulações, liberal, pródigo, brasileiro, atordoando o mundo velho com o seu ouro novo americano! (AZEVEDO, 2019, p. 242).

Esse traço de caráter não poderia estar mais distante de Manuel da Bouça. Trabalhador humilde e resignado, seu retorno a Portugal é marcado pela vergonha por não ter enriquecido. Ele se vê incapaz de confessar o que, na sua visão, é um fracasso: não esteve presente na morte da esposa, no casamento da filha, no nascimento do neto, batizado em sua homenagem. Ao final, Manuel prefere viver sozinho em Lisboa a contar a verdade aos amigos e vizinhos, ou mesmo a sustentar essa mentira.

O fato de que outros companheiros emigrados tiveram as mesmas frustrações não lhe serve como consolo. O diálogo com um amigo que fora

aos Estados Unidos e tivera vivência similar da miragem é decisivo nesse instante, porque em vários momentos Manuel imaginara que a América do Norte teria sido um destino mais promissor. E não é verdade. O ponto de vista do romance é nítido: a emigração é uma miragem que se desvanece assim que se pisa fora da terra natal. Não por acaso, o único personagem que enriquece com a migração é Nunes, agente que vende passaportes, passagens e ilusões aos camponeses.

3 Conclusões

O escritor Miguel Torga, que viveu em Minas Gerais na juventude, foi um dos autores portugueses que detectaram a ausência de uma produção literária robusta sobre a imigração no Brasil. Para ele,

é possível que o silêncio literário que se verifica sobre esta singular situação advenha precisamente da incapacidade de captação psicológica num tão confuso e desmedido plasma emocional. É que não se encontra pé facilmente num tal redemoinho de sentimentos. Português no Brasil, brasileiro em Portugal, o emigrante fica sem pátria, tendo duas. Num lado fala uma língua e tem hábitos que o denunciam como alheio; no outro não pode esconder um sotaque e uns gostos que o denunciam como desenraizado. (TORGA, 2016, p. 94).

No mesmo diapasão, o ensaísta Eduardo Lourenço também analisou a falta de representações literárias dos emigrantes portugueses e identificou na obra de Ferreira de Castro uma rara imagem desse português e de sua dor.

Se a emigração é uma ferida, e mesmo se, num certo sentido, faz parte do nosso destino desde o século XVI, a chaga que ela representa não encontrou uma voz à sua medida. Talvez porque o que designamos como povo emigrante era o que, em sentido próprio e figurado, não tinha voz. Temos uma espécie de voz sublimada da nossa ausência nobre, a da exceção, como a antiga de Ovídio entre os bárbaros, a voz nunca apagada de Camões. Mas nada de “canto emigrante”. Ferreira de Castro, no seu romance *Os emigrantes* e um pouco em *A selva*, apreendeu o aspecto doloroso desta tragédia subalterna e tardia. A tragédia invocável da verdadeira emigração, essa amputação de todo o nosso ser de uma identidade mais profunda do que a do lar e a do lugar, estremecimento tanto da alma como do espírito e não somente da vida sempre aleatória, encontrar-se-á unicamente nos grandes poetas do

“desenraizamento”, José Rodrigues Miguéis, Jorge de Sena ou Casais Monteiro. Mas não é por essa razão que eles figuram na mitologia cultural portuguesa corrente. (LOURENÇO, 2001, p. 48-49).

As palavras de Torga e de Lourenço ecoam inequivocamente em *Emigrantes*, e não apenas devido à referência direta. E, se não podem ser relacionadas aos personagens portugueses de *O cortiço*, é porque as convicções naturalistas e positivistas moveram o olhar de Aluísio Azevedo em outras direções.

Ferreira de Castro escreveu uma saga de imigrantes frustrados no projeto de acumular fortuna no além-mar. Azevedo, por sua vez, foi o primeiro autor brasileiro a narrar a construção de uma riqueza individual, a de João Romão, conforme observou Cândido (1993, p. 130). Em Castro, essa construção é desejada, porém impossível.

No romance naturalista, o meio brasileiro – social e físico – é um agente determinante para a construção das relações humanas. Nesse contexto, o português é o elemento “externo” que comprova as teses do autor. Assim, a emigração é degeneração – as trajetórias de João Romão e Miranda são marcadas pelo roubo, exploração (inclusive do trabalho escravo), inveja e uma vida de aparências; as de Jerônimo e Piedade, pela infelicidade, entrega ao álcool e uma vida de vícios. A perda de laços com a terra natal é tratada de maneira traumática, como uma transformação na própria essência de um personagem (Jerônimo) e trazendo profunda desesperança a outra (Piedade).

Emigrantes alinha-se melhor a um projeto realista: a “miragem”, o eldorado da imigração como possibilidade de ascender economicamente, é frustrada a cada passo. O desencanto de Manuel da Bouça é também o de Cipriano, amigo procurado por ele em Santos logo quando chega ao Brasil; dos inúmeros italianos que conhece na Hospedaria dos Imigrantes e na fazenda Santa Efigênia; do Fernandes e de todos os seus companheiros no armazém onde se empregam em São Paulo; e, finalmente, do Zé do Aido, conterrâneo que migrara para os Estados Unidos e que resume seu aprendizado de modo bastante similar: “Ah, a América! Havia muito dinheiro, sim senhor, mas era de quem o tinha” (CASTRO, 2017a, p. 223).

Em ambos os casos, o valor do “trabalho” é central aos personagens portugueses: tanto Jerônimo quanto Manuel da Bouça iniciam as jornadas brasileiras no campo e logo percebem não haver ali futuro próspero.

Migram para a cidade – o primeiro, no Rio de Janeiro, para ser cavouqueiro na pedreira de João Romão; o segundo, numa vaga de comércio em São Paulo. Jerônimo é, no início, um trabalhador tão responsável, obstinado e dedicado quanto Manuel.

Porém, seus destinos são muito diferentes. A abordagem naturalista faz com que o “meio” se imponha sobre Jerônimo, levando-o à degeneração moral, profissional e pessoal. Esse processo não ocorre com Manuel da Bouça, que volta a Portugal desiludido e envergonhado, mas não transformado em seu caráter.

As imagens do “sol” e do “café”, destacadas por Antonio Cândido, são representativas desse contraste. Segundo o crítico, em *O cortiço*, o café “tem um sentido afrodisíaco e simbólico de beberagem através da qual penetram no português as seduções do meio” (CÂNDIDO, 1993, p. 142). O sol, por sua vez, “percorre o livro como manifestação da natureza tropical e princípio masculino de fertilidade. Sol e calor são concebidos como chama que queima, derrete a disciplina, fomenta a inquietação e a turbulência, fecunda como sexo” (CÂNDIDO, 1993, p. 142). São, portanto, elementos dos quais não se pode escapar.

Manuel da Bouça os experimenta de modo muito diverso. Ao voltar a sua cidade, pede que a filha lhe prepare um café. Não há, e ela lhe dá um caldo quente. Seu comentário é seco: “acostumei-me ao café, agora é o diabo!” (CASTRO, 2017a, p. 219). É apenas um hábito, não um imperativo. Quanto ao sol, a chegada à terra natal é descrita por meio do reencontro com a paisagem e com “aquele sol macio, tão macio!, tão branquinho!, de que ele tinha saudades quando estava no Brasil” (CASTRO, 2017a, p. 215).

Um olhar comparativo a *O cortiço* e *Emigrantes* permite explorar discursos literários sobre a presença portuguesa no Brasil, tanto quanto contrastar opções estéticas de autores lusófonos afastados por poucas décadas. Por uma finalidade ou outra, sobressai da leitura dessas obras a visão de que as personagens de Aluísio Azevedo e Ferreira de Castro exprimem aproximações e distanciamentos na integração de portugueses em meio a brasileiros, exibindo imagens da migração que, mais do que distintas, são complementares. São exemplos de que a literatura também pode ser uma fonte rica a estudos interdisciplinares atentos à dimensão cultural de processos de longa duração como as imigrações.

Referências

- AZEVEDO, A. *O cortiço*. Porto Alegre: L&PM, 2019 [1890].
- BIBLIOTECA Nacional de Portugal. *Catálogo da BNP*. Lisboa, 2019. Disponível em <http://catalogo.bnportugal.gov.pt/>. Acesso em: 7 jan. 2020.
- BRASIL, J. *Ferreira de Castro*. Lisboa: Arcádia, 1961.
- CÂNDIDO, A. De Cortiço a Cortiço. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 123-152.
- CASTRO, F. de. *Emigrantes*. 30. ed. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2017a [1928].
- CASTRO, F. de. Pequena história de Emigrantes [1966]. In: _____. *Emigrantes*. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2017b. p. 237-253.
- CLEPUL. Cátedra Infante Dom Henrique. *Portugueses de Papel*, Lisboa, 2016. Disponível em <http://www.portuguesesdepapel.net/> Acesso em: 7 jan. 2020.
- INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2001.
- LOBO, E. M. L. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.
- LOURENÇO, E. A nau de Ícaro ou o fim da emigração. In: _____. *A nau de Ícaro e Imagem e miragem da Lusofonia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 [1999]. p. 44-54.
- TORGA, Miguel. *Traço de União: temas portugueses e brasileiros*. Lisboa: Glaciar, 2016.
- VILLAS BÔAS, M. X.; PADILLA, B. Rumo ao Sul: emigrantes portugueses no Sul do Brasil. *População e Sociedade*, Porto, n. 14/15, parte II, p. 115-129, 2007.

Recebido em: 31 de janeiro de 2020.

Aprovado em: 22 de junho de 2020.